

CLIPPING

23 de Fevereiro de 2020

O Liberal – Panorama, 06 – Economia.



Carnaval também é época propícia para viajar e descansar, mas é preciso repor as ausências no trabalho posteriormente

PARÁ

Cresce a emissão da Carteira de Trabalho

ELISA VAZ
DA REDAÇÃO

Cresceu 17,08% a emissão de Carteiras de Trabalho e Previdência Social (CTPS) no Pará ao longo do ano passado. Segundo dados divulgados pela Secretaria do Trabalho do Ministério da Economia, o número alcançou 203.608, contra os 173.904 documentos gerados em 2018 no Estado. Na avaliação do economista André Cutrim, os dados mostram um retrato do combate ao desemprego em todo o país. De acordo com o último levantamento do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), no último trimestre do ano passado, 3,52 milhões de pessoas estavam ocupadas no Pará, variação de 1,5% em relação ao terceiro trimestre do ano, quando o número chegou a 3,47 milhões. Do total, 1,93 mi eram empregados (54,9%), 1,26 mi trabalhavam

empresarial de que é possível investir e ter retorno, mas o nível de precarização do trabalho aumentou”, declara. O superintendente regional do trabalho, Alberto Campos, disse que o governo tem seguido estratégias para atender a população de forma mais efetiva e igualitária. Uma das metas foi reduzir o prazo para entrega das carteiras de trabalho. Antes, o tempo previsto era de até 20 dias, o que dificultava o ingresso da população no mercado de trabalho, mas a superintendência reduziu a espera para sete dias. “Nosso público nos procura praticamente com o emprego garantido. Quando ele descobre que a entrega será entre 15 e 20 dias a frustração é nítida. Estamos aqui para impulsionar a conquista dos empregos, então optamos por reduzir a espera do trabalhador, até para reduzir os índices de desocupados no Estado. Nosso objetivo é ampliar

TRABALHO

Ausência durante o carnaval gera demissões

BALANÇO - Todos os anos, o número de demissões aumenta após os quatro dias de folia

THIAGO VILARINS
DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

Nem sempre os esforços para conseguir a folga de Carnaval são alcançados e muitos trabalhadores dão um "jeitinho" para curtir a folia. No entanto, ao que parece, essas estratégias estão, cada vez mais, sendo percebidas e punidas pelos empregadores. Números do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), da Secretaria Especial de Previdência e Trabalho do Ministério da Economia, mostram que os meses subsequentes ao carnaval são os que registram o maior número de demissões.

Nos últimos cinco anos no Estado do Pará, apenas no setor do comércio, por exemplo, o mês de março tem registrado uma média de dois mil desligamentos. No ano passado, o comércio paraense, que acumulava saldo positivo de contratações até fevereiro, fechou o

mês de março com 2.735 postos de trabalho encerrados. Não necessariamente todas essas demissões estão relacionadas ao carnaval, mas é inegável o enxugamento dos quadros de funcionários do Estado

Nem todo mundo sabe, mas o carnaval não é feriado de segunda a quarta-feira

após o período de folia.

Apesar de ser a festa mais popular do Brasil, o Carnaval não é feriado de segunda a quarta-feira pela manhã. Essa folga precisa ser combinada entre patrão e funcionários

ou constar em acordo coletivo. De acordo com Junior Lopes, diretor de Comunicação e Marketing da Associação Brasileira de Recursos Humanos - seccional Pará (ABRH-PA) e professor universitário, cada empresa pode fazer a compensação de diferentes formas, como aumento de jornada em datas específicas ou propor expediente em outros dias.

"Aqui em Belém é muito comum as pessoas viajarem, para outros municípios onde acontece o carnaval, ou vão para outros Estados. Às vezes não dá para voltar a tempo. Agora, imagina o dono de uma loja ter que abrir o seu estabelecimento e não ter o vendedor ou o gerente. Então, essa ausência, sem a devida justificativa, realmente, cabe a demissão por justa causa. O que eu vejo são alguns empregadores liberar o funcionário e compensar em outro dia, seja na folga, no recesso de fim de ano ou nas férias", avalia.

por conta própria (35,9%), 196 mil eram trabalhadores familiares auxiliares (5,5%) e 129 mil eram empregadores (3,7%).

Embora o resultado seja positivo, Cutrim acredita que, a fundo, o fato de ter aumentado o número de trabalhadores com carteiras assinadas não significa que houve melhora na questão da informalidade, ponto crucial na economia do país. Segundo ele, é preciso melhorar o cenário econômico, reduzindo a taxa de desemprego, mas também diminuindo a taxa de informalidade, que ainda é muito alta.

"Considero que poderíamos ter um avanço maior na geração de trabalho formal com carteira assinada, mas esse não deixa de ser um resultado que nos coloca em uma condição boa, de pensar no futuro de uma geração de maneira equilibrada, envolvendo formalidade e informalidade", pontua. Cutrim ainda opina que, desde que a reforma trabalhista foi concluída e institucionalizada, os indicadores, que apontavam uma crescente no número de empregos, não representaram as promessas da reforma. "Houve evolução muito grande para a economia, porque manda uma mensagem ao setor

os atendimentos", pontua Campos.

A auxiliar de escritório Juliana Coelho, de 21 anos, foi uma das pessoas que conseguiram ingressar no mercado de trabalho em 2019. Logo no início do ano, ela começou a procurar vagas de emprego e se inscreveu em um aplicativo onde é possível cadastrar o currículo e ser chamado para um trabalho, caso haja interesse do empresário. Foi o que aconteceu. "Eu não procurava um cargo específico, mas queria uma função em que desse para estudar, já que quero fazer cursinho e entrar em uma faculdade. Também não queria ocupar o fim de semana todo", relembra. Juliana ainda conta que foi difícil encontrar uma vaga nos requisitos que ela procurava. Embora tenha ido em algumas entrevistas, nada era compatível com o que a jovem buscava. Em fevereiro do ano passado, ela recebeu uma ligação do contratante e teve sua carteira assinada pela primeira vez. Antes disso, ela nunca tinha ocupado nenhuma função trabalhista. Hoje, ela trabalha de segunda a sexta-feira, de 8h às 12h e de 14h às 18h. Quando passar no vestibular, de medicina veterinária, que é seu sonho, pretende estudar à noite e continuar no emprego.